



**Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015**

I Seminário de Projetos Integrados  
I Jornada de Extensão  
I Seminário de Iniciação Científica  
I Encontro de Pós-Graduação

## **O INTERDISCURSO E O MASSACRE DE ELDORADO DOS CARAJÁS NO ESPAÇO DISCURSIVO DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO**

Eliude de Sousa Rocha<sup>1</sup> - Unifesspa  
Nilsa Brito Ribeiro<sup>2</sup> - Unifesspa

Agência Financiadora: Pós-Graduação/PROPIT

### **1. INTRODUÇÃO**

Em 17 de abril de 1996, ocorreu, no interior do Estado do Pará, a tragédia que ficou conhecida como o Massacre de Eldorado dos Carajás. Naquele dia, integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) bloquearam a então rodovia estadual PA 150 em forma de protesto em favor da reforma agrária. Valendo-se da justificativa da necessidade de desobstruir a rodovia, a Polícia Militar entrou em confronto com os manifestantes, assassinando 19 trabalhadores e deixando 51 feridos, marcando a história com esse que, provavelmente, tenha sido o maior massacre de trabalhadores do país. Longe de um acontecimento isolado, o massacre sinaliza para embates que se reiteram nas dinâmicas relativas à posse da terra tanto no Pará como no restante do Brasil, considerando um confronto ideológico que põe em relação grupos antagônicos: de um lado, encontram-se latifundiários e, de outro, trabalhadores sem-terra (BARREIRA, 1999).

O massacre foi noticiado nos principais jornais do Brasil. E escolhemos a Folha de São Paulo para empreender nossa pesquisa por ser uma mídia de alcance nacional. De modo que ao disseminar as notícias, as mesmas se materializam como discurso deixando rastros de suas filiações ideológicas.

A partir de uma matéria publicada em 16/04/2009 no referido jornal, analisaremos como o interdiscurso funciona no espaço discursivo do Jornal Folha de São Paulo. Esse texto foi publicado no mês de Abril por ocasião das manifestações feitas anualmente pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras (MST) em lembranças ao massacre. Estes eventos serão chamados pelo movimento de “Abril vermelho”. E serão divulgados por essa mídia sempre com esse título.

Ao levarmos em conta o caráter duplo dessa mídia jornalística, que consiste em seu status de empresa e de formadora de opinião pública, temos que levar em conta também que ela controla sentidos e os dissemina, tornando esses hegemônicos e evidentes no imaginário social. E assim o faz, pronunciando-se de um lugar ideológico específico (Formação Discursiva), lugar esse em “atrito” com outros lugares, outras formações discursivas. Embora sempre use o argumento de que ao divulgar os fatos o faz de uma posição isenta de opinião política.

Recordar um dos acontecimentos sociais de grande importância em relação à disputa de terras no Brasil significa, nas palavras de Nepomuceno (2007, p.18) “soprar as brasas da memória para impedir que se tornem cinzas mortas”.

Por fim, o presente trabalho tem como objetivo analisar, a partir de aportes teóricos da Análise de Discurso de linha francesa, de que modo os já-ditos (interdiscurso) são postos em funcionamento nos textos do Jornal Folha de São Paulo quando este passa a noticiar os conflitos desencadeados em torno da posse da terra a partir do massacre de Eldorado dos Carajás, ocorrido no sudeste do Pará em 17/04/1996. Embora este fato tenha sido noticiado em muitos jornais do Brasil, escolhemos o espaço discursivo daquele jornal para empreendermos nossa pesquisa por considerá-lo uma mídia de alcance nacional, de modo que ao disseminar suas matérias, estas entendidas como discursos, deixam “rastros” que indiciam as filiações ideológicas do jornal. As matérias analisadas do referido jornal estão ligadas às manifestações feitas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em lembrança e protesto contra o massacre. Posteriormente estes

<sup>1</sup>Mestrando do programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e sociedade na Amazônia (PDTSA/UNIFESSPA) E-mail: rochahe@hotmail.com.

<sup>2</sup>Professora do Instituto de Linguística Letras e Artes da UNIFESSPA, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e sociedade na Amazônia (PDTSA/UNIFESSPA) E-mail: nilsa@unifesspa.edu.br



**Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015**

I Seminário de Projetos Integrados  
I Jornada de Extensão  
I Seminário de Iniciação Científica  
I Encontro de Pós-Graduação

eventos passaram a ser nomeados pelo MST de “Abril Vermelho” e foram divulgados por essa mídia sempre com esse título. Nossas análises focalizam, por um lado, o trabalho de controle de sentidos hegemônicos, exercido pela mídia, sempre orientada por sua posição ideológica; por outro, a emergência de discursos em disputa, resultante das contradições históricas. Portanto, é a partir de seu posicionamento ideológico e recorrendo a já-ditos que criminaliza as ações do MST em relação às ocupações de terra que essa mídia irá orientar seu discursos em suas publicações.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

A partir de uma matéria (16/04/2009), veremos como essa memória funciona no espaço discursivo do Jornal Folha de São Paulo. Essa matéria foi publicada no mês de Abril, conforme indica a data, por ocasião das manifestações feitas pelo MST em lembranças ao massacre que acontece anualmente nessa data. Nessa reportagem publicada em 16/04/2009, são mobilizadas formações discursivas antagônicas, com posicionamentos opostos em relação ao tema dos quais abordam diretamente: *invasão, ocupação, protestos, apreendeu, tomaram, conflitos*. Segundo Orlandi (2012, p.43): “as palavras não tem um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem”. Assim, ao optar por essas marcas discursivas o jornal não o faz por acaso e nem tem consciência dessas escolhas, mas porque se inscreve em uma FD específica. De outro, trata-se de que a preferência por um dito implica na rejeição do não-dito, ou seja:

Trata-se de uma rejeição de natureza completamente inversa, que pode ser exemplificada assim: se digo que os sem-terra *ocuparam* uma fazenda, rejeito que eles a tenham *invadido*. Ou seja, um certo discurso e, conseqüentemente, um certo sujeito rejeita *invadir* (dizendo *ocupar*). Outro rejeita *ocupar* (dizendo *invadir*). Não se trata de uma seleção paradigmática, em termos de língua, mas de assumir uma posição discursiva. (POSSENTI, 2005, p. 377)

Ao “assumir uma posição discursiva”, conforme a citação acima, essa FD o faz tendo em vista outra formação, como já afirmamos acima. Se por um lado o sintagma *invasão* demarca o campo do direito que assegura a posse; *ocupação* também remete ao campo jurídico no que diz respeito à posse de terras improdutivas. Daí que ato de *ocupação* de terras que não cumprem sua função social não se tratar de um ato de ilegalidade, para o MST. Procederemos nossas análises a partir das marcas discursivas presentes na referida matéria.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O discurso do sem-terra como sujeito vem, em sua versão mais recente, se definindo num quadro marxista que contesta o Estado e o Capitalismo.

Nessa vertente, o movimento dos sem-terra assimilou essa posição discursiva dos movimentos socialistas que culminaram em revoluções: o Partido Bolchevique de Lênin, a Revolução Cubana, de Fidel Castro [...] a Chinesa [...] a Mexicana, entre outras. Ressalta-se ainda que o movimento dos sem-terra, mesmo se filiando ao interdiscurso dessas revoluções que tinha sua força política no operariado, é peculiar e vanguardista, pois tem sua força política no agricultor, desde os primórdios do seu projeto político.

Assim, quando criminaliza as ações que os sem-terras fazem em lembrança ao Massacre, a polêmica não se dá em um debate em que uma formação discursiva considere as razões do Outro em seu discurso. Pelo contrário, esse discurso é infiel aos interesses desse outro. A isso Maingueneau (2008) denomina “simulacro”. Ou seja, o que uma formação faz do discurso de outra formação é uma caricatura.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, diante do exposto, verificamos que o discurso do Jornal Folha de São Paulo criminaliza as ações dos sem-terra, e portanto, não reproduz o discurso destes em seu espaço discursivo fielmente. O discurso do MST que se organiza contra a concentração fundiária no Brasil; a ocupação de terras não



**Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015**

I Seminário de Projetos Integrados  
I Jornada de Extensão  
I Seminário de Iniciação Científica  
I Encontro de Pós-Graduação

produtivas; a reivindicação ao Estado brasileiro por uma reforma agrária, não são contemplados nas matérias desse jornal. Para Possenti (2009), isso não ocorre por simples desfaçatez, mas por que as FDs enunciam a partir de posições ideológicas antagônicas, incorrendo em “erro” ao interpretar o discurso um do outro.

## **REFERÊNCIAS**

BARREIRA, C. **Crônica de um massacre anunciado: Eldorado dos Carajás. São Paulo em Perspectiva;** volume 13, número 4, páginas 136-143. Dez. 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NEPOMUCENO, Eric. **O massacre – Eldorado dos Carajás: uma história de impunidade.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso. Princípios e Procedimentos.** Campinas, S.P: Pontes Editores, 2012.

POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos.** 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2005. v. 3.